

A Escola Argelina

Dr. Mezouar Mohammed Said

A conclusão deste trabalho foi escrita numa das mesas do "Café de la Paix", na região de Duras, no sul de França, durante as férias de verão.

Dr. Mezouar Mohammed Saïd

Na turma do primeiro ano, encontramos frequentemente alunos que invertem números ao escrever e também trocam letras ao tentar formar palavras. Isso é algo que observei num número considerável de alunos da minha turma. No entanto, o que chamou a minha atenção para este fenómeno foi quando um aluno escreveu o nome "Ahmed" incorretamente, invertendo a direção da esquerda para a direita em vez da direita para a esquerda, como é típico na língua árabe.

Inicialmente, pensei que se tratasse de um problema normal, uma vez que este aluno é o filho "mimado" de uma colega minha que ensina francês. Supus que a mãe, fascinada pela língua francesa, estaria a ensinar francês ao filho, o que provavelmente causava alguma confusão. Como resultado, ele começou a escrever árabe influenciado pelo estilo de escrita francês.

Tirei uma fotografia com o meu telemóvel do menino segurando a sua prancha onde tinha escrito "Ahmed" da esquerda para a direita, com as letras árabes invertidas. Mostrei-a à mãe para esclarecer a situação, e ela confirmou o que eu suspeitava. Ela admitiu que o filho tinha sido influenciado pelo francês, que ela lhe transmitiu, e

que ele se concentrava mais em escrever letras francesas do que em escrever palavras árabes.

Para ser claro, este aluno não é o único na minha turma de primeiro ano que inverte letras nas palavras. Alguns alunos invertem a letra 'Ayn' no final de uma palavra, fazendo-a parecer o número três, e assim por diante. Este padrão também se verifica com os números, especialmente o número cinco. Não sei por que razão o número cinco é o mais frequentemente invertido.

Voltando à raiz do problema, o fenómeno da inversão de letras ou números ao escrever está psicologicamente relacionado com o que é conhecido em psicologia como "Escrita em Espelho". Esta técnica foi usada por génios como Napoleão Bonaparte e Leonardo da Vinci, entre outros. Também foi usada para codificar certos assuntos confidenciais. Até hoje, é usada em veículos de ambulância para escrever a palavra "ambulância" ao contrário, para que possa ser lida corretamente nos espelhos por outros condutores.

No entanto, para os alunos, é considerado um problema cognitivo devido à sua compreensão incompleta das letras e números que estão a aprender. O aluno que pratica a escrita em espelho tem dificuldade em compreender o que escreve; essencialmente, desenha as letras em vez de as escrever, separando assim a forma do significado.

A escola psicológica americana classifica o problema da escrita em espelho nos alunos como parte da "dislexia", uma vez que está diretamente relacionado com a incapacidade de compreender o que está a ser escrito. Portanto, as soluções não podem recair apenas sobre os ombros do professor; esta é uma responsabilidade partilhada entre professores e pais. Abordar esta questão requer treino intensivo na escrita correta, com acompanhamento próximo do que o aluno escreve, tanto na sala de aula pelo professor como em casa pelos pais. A escrita frequente, considerada uma "segunda leitura" em psicologia educacional, é a única cura para a escrita em espelho.

O período de tratamento dura entre três meses a dois anos, dependendo da intensidade do programa de escrita e leitura e da dedicação do professor, juntamente com a cooperação do encarregado de educação do aluno. É importante notar que um encarregado que não tem contacto com o professor dificultará a superação do problema pelo aluno. Além disso, se o encarregado teve conflitos com o professor, o problema pode persistir por mais de dois anos e, nalguns casos, pode continuar por mais de cinco anos.

Existe um tipo de aprendiz descrito como "mimado" e, de acordo com a minha experiência no campo da educação, a mimosice é um dos inimigos mais ferozes do aprendiz. Muitas vezes, torna-se um obstáculo para o novo aprendiz — particularmente aquele que entra no primeiro ano do ensino primário — na sua integração no campo educacional. Isso cria dificuldade em aceitar a autoridade

do professor na escola, uma vez que a criança se habituou a não se submeter a qualquer autoridade, independentemente da sua natureza ou severidade.

Uma criança mimada é um aprendiz que enfrenta problemas de interação, principalmente devido à satisfação excessiva e desenfreada das suas necessidades e desejos. Estas podem ser necessidades biológicas como comida e bebida ou outros prazeres, ao ponto da completa indulgência. Isso resulta numa obsessão pela grandeza, narcisismo inflado e egoísmo extremo.

Essas crianças não nascem mimadas, mas tornam-se assim devido aos métodos parentais que os seus pais empregam, pois desejam criar os seus filhos da melhor maneira possível. Acabam por satisfazer constantemente os desejos da criança, muitas vezes transformando-os inconscientemente em "direitos" que a criança espera que o ambiente satisfaça sem objeção.

A psicologia educacional identifica certos comportamentos relacionados com estes casos. Uma criança mimada é tipicamente educada apenas com outros que considera estranhos. Evita quaisquer responsabilidades que lhe sejam atribuídas porque reconhece apenas o seu próprio conforto. Não compreende o significado de trabalho ou responsabilidade e não é compatível com os seus pares exceto impondo-lhes domínio. Se os seus pares se rebelam ou a evitam devido aos seus maus tratos, pode ter acessos de raiva histérica sem razão. Despreza qualquer tipo de

competição, não consegue respeitar ninguém com quem está diretamente envolvido — especialmente os seus pais — devido a uma falta de autoestima aterrorizante, o que a leva a querer todos dentro da sua própria esfera. Mais perigosamente, perdem o sentido do valor nas suas vidas e não conseguem compreender a importância do dinheiro ou do respeito.

Encontro frequentemente este tipo de aprendiz na turma do primeiro ano do ensino primário, o que leva a confrontos com os seus pais. A maioria das crianças mimadas na minha turma vem de pais que não têm uma educação adequada. Em vez de me incentivarem a manter a autoridade sobre estes aprendizes mimados, os pais usam todos os métodos possíveis para criar pressão "social" sobre mim, tentando forçar-me a abandonar a minha autoridade e a tratar os seus filhos como eles o fazem — mimando-os mesmo na aula. No entanto, isso não acontece comigo, independentemente das consequências.

Há dois modelos claros que vejo frequentemente e que se repetem. O primeiro é a criança mimada por ser filha de um professor do setor da educação, considerando-se superior aos seus pares. Com o apoio do seu pai ou mãe professor, este é o caso de um aprendiz na minha turma cuja mãe é professora de francês. Ela queria que eu mantivesse essa mimosice para o seu filho e, quando resisti à sua pressão, argumentou que o filho não conseguia compreender as lições porque o professor falava em árabe padrão na aula. Um dia, perguntei ao filho: "Vês desenhos animados, filho?" Ele respondeu: "Sim." Perguntei novamente: "E em que língua falam

os teus desenhos animados favoritos?" Ele respondeu: "Em árabe padrão." Perguntei então: "Então como é que não entendes as lições se entendes os desenhos animados, seu tolo?"

A disciplina verbal e física — "leves palmadas" — feita de forma regular e sistemática é o que transforma uma criança mimada num aprendiz normal. No entanto, uma criança mimada na turma do primeiro ano é um desafio que se estende aos seus pais, e é com isso que o professor deve lidar. Como explicarei com o segundo modelo, que foi mais complicado, tanto com a criança como com a mãe, infelizmente.

Confirmo pela segunda vez que uma criança mimada é um aprendiz completamente fracassado, a menos que o professor responsável pelo seu primeiro ano assuma a tarefa de disciplinar fisicamente e corrigir verbalmente. A severidade é a solução para esta categoria de alunos; caso contrário, o professor tornar-se-á como um aspirador — a limpar a sua bagunça na sala de aula e, em geral, na escola.

O segundo modelo que encontrei na minha turma de primeiro ano foi o filho de uma viúva, que usou todos os tipos de métodos, honrosos e desonrosos, legais e ilegais, para impor o controlo do seu filho "mimado" sobre mim — o professor. No entanto, entrei numa batalha feroz com ela e não descansei até atingir o meu objetivo, forçando ambos a respeitar os seus limites. Isso para

preservar o ambiente na minha turma, por um lado, e para garantir que pudesse ensinar o resto dos alunos de forma normal, por outro.

Esta criança mimada enfrenta muitas dificuldades, sendo a mais importante a sua incapacidade de reconhecer que está numa instituição educacional. Usa linguagem obscena com qualquer pessoa, tornando-se verbalmente abusiva. Tem dificuldade em receber, aplicar, memorizar, compreender e digerir informações mentalmente. Além disso, não consegue segurar uma caneta com os dedos devido ao desenvolvimento físico incompleto. A questão mais crítica é que não respeita ninguém, nem sequer o próprio professor.

A mãe é viúva no sentido social, sem limites para as suas ações, pois vive de forma independente e não hesita em usar todas as formas de extorsão, especialmente chantagem moral. Se necessário, usaria até a sua autoridade física sem qualquer hesitação, e não tem escrúpulos em manipular o intelecto coletivo para servir a sua causa — domar o professor para se tornar submisso ao seu filho mimado, sem qualquer culpa.

Encontrei-me a enfrentar uma criança categorizada como "caso especial" tanto médica como socialmente, e potencialmente um futuro criminoso. Tive de lidar com tudo isto com astúcia incomparável, por um lado, e com a necessária severidade, por outro. E foi exatamente isso que fiz, apesar de estar plenamente consciente dos desafios e dificuldades que enfrentaria.

Submeti a criança mimada à minha rigidez com uma metodologia precisa. Até o castigo verbal foi substituído por castigo físico. Isso levou a mãe à histeria, levando-a a apresentar inúmeras queixas ao guarda da escola — que esperava ter uma relação sexual com ela — o que o levou a ajudá-la a espalhar mentiras sobre mim ao Diretor da escola. A situação escalou ao ponto de ela tentar espalhar rumores claros sobre mim, chegando a apresentar queixa ao "inspetor educacional" (o que explicarei quando descrever o papel do inspetor educacional no setor da educação). O inspetor visitou-me e usou a sua autoridade contra mim de uma forma extremamente covarde e injusta. Quando todas as suas tentativas falharam, ela apresentou uma queixa final ao Diretor da escola, confrontando-me no seu gabinete. Fui confrontado com todos a exigir que não tolerasse a linguagem obscena do filho na aula. A reunião terminou violentamente. E como exemplo da hipocrisia desta viúva, ela veio ter comigo no mesmo dia pedir perdão pelo que aconteceu... o engano não tem limites nem religião!

Essa criança mimada passou o seu ano do primeiro ano completamente alheia, terminando o ano no mesmo estado. O meu único sucesso ao lidar com este caso foi que consegui ensinar-lhe a Surah Al-Fatiha, remover a linguagem obscena do seu discurso na escola e inculcar-lhe um sentido de respeito, ao ponto de eu me ter tornado a única pessoa que conseguia controlar o seu comportamento.

O meu grande sucesso com ele foi introduzi-lo no sistema escolar e ensiná-lo a respeitar os seus pares. Até o transformei num aluno abaixo da média, embora tenha perdido muitos dos meus nervos durante este confronto. Até tive de suportar o custo de danificar parte da minha imagem profissional. No entanto, não me importo com essas coisas, desde que esteja a trabalhar para salvar uma pessoa do mundo do crime para o qual a sua mãe — a viúva — o estava a empurrar, com a sua indiferença e insistência em subjugar o professor aos desejos do seu filho mimado.

Outra dificuldade enfrentada por alguns aprendizes, particularmente no primeiro ano do ensino primário e nas fases iniciais em geral, é um distúrbio de fala, nomeadamente: a gaguez.

Esta é uma condição que acarreta muitos problemas para o aprendiz, e observei isso num dos meus alunos dentro e fora da sala de aula.

Era claro que esta criança lutava com uma dificuldade severa na pronúncia e até na fala fluente. Ele sabia o que queria dizer, mas era incapaz de expressar o que tinha em mente. Por vezes, alongava as palavras, outras vezes repetia fragmentos de som e, nalgumas ocasiões, parava a meio da frase involuntariamente. Por vezes, o seu forte desejo de falar fazia-o explodir em lágrimas para esconder o seu sofrimento.

Durante um trimestre inteiro (três meses consecutivos), concentrei os meus esforços neste aluno. Intensifiquei o seu treino na leitura de letras e fui paciente com ele até que conseguiu pronunciar as mais difíceis, como as letras "Ayn" e "Khaa", de forma mais correta. Depois disso, trabalhei com ele na leitura de alguns versículos do Alcorão, especialmente a Surah Al-Fatiha e as duas Surahs de refúgio (Al-Ikhlâs e Al-Falaq), até que as dominou completamente. Finalmente, recorri a treiná-lo para cantar algumas canções escolares repetidamente. Descobri que o tinha movido de uma fase de dificuldade de leitura para uma fase de dificuldade de fala apenas em alguns segmentos e parágrafos.

Não fui o único a ajudá-lo na correção da sua fala, pois o seu pai também o levava regularmente a sessões com um especialista em fonética, o que o ajudou imenso, especialmente na integração com o grupo dos outros alunos. No início, era difícil para ele comunicar com os seus pares, mas depois de melhorar um pouco a sua pronúncia, começou a interagir com todos e a gostar disso de uma forma única.

Notei que o aprendiz que sofre de gaguez usa por vezes gestos com as mãos ou move o corpo, particularmente a cabeça, para distrair a atenção do ouvinte. Noutras ocasiões, os seus lábios tremiam, as suas pálpebras piscavam rapidamente e, por vezes, a sua mandíbula fazia movimentos involuntários. Tudo isto resulta numa capacidade muito limitada de comunicar eficazmente.

Este tipo de aprendiz caracteriza-se por ansiedade sem razão e de forma contínua, especialmente quando se vê obrigado a falar na presença do professor, o que causa tensão nos músculos faciais de uma forma que reflete o seu desejo de falar. Nalguns casos, pode recorrer a sons estranhos, como limpar a garganta, para distrair a atenção do ouvinte, enquanto o método mais fácil para ele escapar a estas situações opressivas é repetir certos sons ou fragmentos de palavras dentro das próprias palavras. A dificuldade está muitas vezes limitada ao início da fala, onde o aprendiz luta para iniciar a conversa.

Os casos de gaguez na fala variam entre os aprendizes dependendo do seu estado emocional e mental, conforme descrito na literatura de psicologia educacional. Alguns casos pioram devido a stress intenso, sentimentos de exaustão ou pressão do medo do professor, como falhar ao dar uma resposta ou o medo de ser punido em qualquer circunstância.

O aprendiz que sofria de gaguez não nasceu com esta dificuldade. Após investigar a sua condição social e circunstâncias de vida, descobri que tinha chegado a este estado miserável devido a um choque psicológico, resultante de um castigo severo da sua mãe quando ainda era pequeno. Parentes próximos mencionaram que, quando ele começou a aprender a falar, pronunciava letras e palavras de forma bastante normal até que um dia foi transformado de uma criança completamente normal numa criança triste que falava com grande dificuldade, misturada com lágrimas e dor.

Um dia, enquanto eu (Dr. Mezouar Mohammed Said) estava de pé a explicar a lição aos alunos da turma do primeiro ano, onde o mais velho entre eles não tem mais de sete anos, uma rapariga aproximou-se de mim, claramente perturbada por um dos seus colegas, pedindo para sussurrar ao meu ouvido. Sem pensar, ouvi-a atentamente, e ela disse-me que o rapaz lhe tinha dito: "Quando eu crescer, vou casar contigo!"

Senti uma raiva profunda e gritei com o rapaz e com o resto da turma, dizendo: "Devem respeitar os vossos colegas, devemos respeitar todos... etc." Mas o assunto não ficou por aí. Apesar de ter separado a rapariga do rapaz, colocando-a num lado da sala de aula e mantendo-o na extremidade oposta, ele ainda não perdia qualquer oportunidade para a incomodar, seja batendo-lhe, insultando-a ou, nalguns casos, empurrando-a durante o recreio. Isso levou-me a investigar este problema, pois era esperado que as crianças do primeiro ano ainda estivessem num estado "latente", para usar o termo de Freud, e estes comportamentos pareciam anomalias.

Trata-se do início da adolescência, segundo investigações de especialistas em psicologia educacional, que ocorre tipicamente entre os 10 e os 13 anos. No entanto, o que observo entre os alunos, tanto na sala de aula como durante o recreio no pátio da escola, indica que o intervalo etário para o início da adolescência se expandiu. Em vez de começar aos 10 anos, como os investigadores estabeleceram através de estudos na década de 1970, agora começa muito mais cedo no século XXI. Este período

pode agora começar tão cedo quanto os cinco anos... Sim, cinco anos, por muitas razões.

A influência da tecnologia digital, especialmente o acesso descontrolado que as crianças têm nalguns países — como na Argélia — levou ao desenvolvimento das suas capacidades cognitivas de uma forma que não é nem racional nem aceitável. Numa perspetiva positiva, a geração que segue a geração "Z" será provavelmente a mais intelectualmente avançada e psicologicamente preparada para a idade adulta e maturidade. O período da juventude está a encolher, e a adolescência está a expandir-se, tornando a sua inteligência a aumentar rapidamente. Por vezes, testemunhei um aluno desta geração, ainda no quarto ano, a ser muito mais inteligente do que um dos meus colegas professores — apesar de este professor ter décadas de experiência. Na minha experiência pessoal, vi alunos do quinto ano numa das minhas turmas cuja inteligência superava a do diretor da escola e até a do inspetor educacional, e a sua inteligência aproximava-se da minha. Se não tivesse acompanhado as mudanças e lido continuamente sobre novos desenvolvimentos, muitos destes alunos teriam facilmente ultrapassado a minha inteligência.

As gerações que ensino serão muito mais inteligentes do que a nossa geração, especialmente as fêmeas. No entanto, isso traz-me de volta ao lado negativo do fenómeno do início precoce da adolescência em detrimento do período latente na criança aprendente. Este fenómeno resulta em muitos professores não reconhecerem o novo tipo de alunos com quem estão a lidar. A

maioria destes professores, incluindo o diretor e até o inspetor educacional, continua a abordar os alunos da velha maneira. É aqui que surgem todos os problemas, levando a conflitos em vez de aprendizagem, que muitas vezes culminam em confrontos entre o educador e os alunos, apesar das suas diversas origens.

Toda escola primária tem o cargo de Diretor, e esta figura influencia diretamente os professores, afetando indiretamente os alunos. No entanto, o perigo da sua influência sobre os alunos, embora indireta, é decisivo. As decisões burocráticas rigorosas de um Diretor podem colocar o aluno num estado de paixão ou num estado de estagnação.

Com base nos meus muitos anos de experiência no setor da educação, o Diretor da escola primária é uma personagem psicologicamente complexa, assemelhando-se muito à personalidade de Stephen no filme *Django Unchained*. Em cada escola primária, há um "Stephen" encarregado de gerir a escola de acordo com os caprichos dos senhores.

Stephen é um homem negro da era da escravatura nos Estados Unidos, servindo como administrador da casa para uma família rica. Ele controla um grupo de criados e escravos negros, característicos desse período. Stephen é conhecido pela sua submissão total ao seu senhor — sem questionamento, mesmo de forma formal — mas simultaneamente, desempenha o papel de

Faraó/Moisés quando se trata de outros escravos, tudo em troca de migalhas de favor do proprietário de terras rico.

O traço mais perigoso da personagem de Stephen é o seu instinto de se agarrar ao sistema racista opressivo que protege os senhores brancos, pisoteando as vidas dos escravos negros. Os próprios escravos viam Stephen como o maior obstáculo na sua busca pela liberdade, e a história provou que estavam certos. Os traidores dentro do próprio povo são muitas vezes mais perigosos do que os inimigos externos.

A personagem de Stephen consiste em dois traços psicológicos principais:

1. A perturbação de personalidade sádica
2. O sadomasoquismo

O Diretor da escola primária exhibe inevitavelmente comportamento sádico quando se trata da sua relação com os professores sob a sua autoridade, tal como Stephen fazia com os escravos negros sob o seu comando. Personalidades sádicas caracterizam-se por crueldade e agressão repetida, que pode incluir crueldade emocional, engano, manipulação e até abuso verbal, se possível. O Diretor tem prazer em causar dor e sofrimento aos professores.

Ao mesmo tempo, o Diretor também possui uma personalidade masoquista. Isso significa que ele obtém prazer em receber tormento psicológico daqueles que estão acima dele na hierarquia, tal como Stephen fazia com o seu senhor rico. Um destes Diretores disse-me uma vez que representava a autoridade executiva e que, portanto, era obrigado a implementar ordens das autoridades superiores sem questionamento. Na sua visão, aqueles que pagam o seu salário controlam o seu destino. Infelizmente, esta é a lógica de um escravo, e acredito que há uma diferença significativa entre autoridade executiva e escravatura, Sr. Diretor.

Quando um professor lida com uma figura "tipo Stephen", que é o Diretor da escola com tais perturbações psicológicas, o professor encontra-se numa situação perigosa que requer habilidade. O professor deve evitar confrontar este ditador (vestido de coelho) por um lado, e por outro, não ignorar o que ele tenta convencê-lo. Em suma, o professor nesta situação é como um acrobata a andar numa corda muito fina sobre uma pilha de chamas.

O confronto contínuo entre o professor e o Diretor afeta inevitavelmente a psique do professor, seja escurecendo o seu humor, perturbando os seus métodos e planos de ensino, ou colocando-o numa posição desconfortável que impacta negativamente o seu desempenho perante os alunos. Portanto, sugiro remover a autoridade de "supervisão" do Diretor e, em vez disso, mantê-lo responsável por comunicar novos materiais legais e regulamentos, em vez de impor e monitorizar a sua

implementação. Isso aliviaria os professores deste fardo administrativo, que obstrui todo o sistema educacional.

Existe um tipo de aprendiz que chega à escola nos seus primeiros dias de forma rude. O aprendiz chega a chorar, tentando não se separar do pai ou da mãe, recusando-se a entrar na sala de aula, tentando voltar para casa e usando muitas desculpas e trivialidades. Podem até chegar ao ponto de serem desrespeitosos com o professor ou com um funcionário da escola que intervém para os convencer a juntar-se aos seus colegas. Esta situação pode durar dias, meses ou até ao final do ano letivo, especialmente no primeiro ano do ensino primário.

A única razão que faz o aprendiz recusar-se a juntar-se aos seus pares na sala de aula durante o seu primeiro ano de escola primária é a mimosice e a sua falha em estar psicologicamente preparado para deixar o casulo do lar – o seu mundo privado, do qual não conhece mais nada – e entrar no mundo da escola, que é uma mini-versão do mundo real, onde aprendem responsabilidade e os fundamentos de viver de forma independente.

A responsabilidade por esta situação recai principalmente sobre o cuidador, seja a mãe, o pai ou outros em quem o aprendiz confia durante esta fase da sua vida. Portanto, uma responsabilidade adicional recai sobre o professor, com uma nova tarefa de integrar este aprendiz resistente à escola no sistema interno da escola e no processo geral de aprendizagem.

Quero esclarecer que a tarefa de integrar o aprendiz resistente à escola não é apenas responsabilidade do professor. O cuidador que o trouxe no primeiro dia e que o recebe em casa todos os dias após a escola tem um papel crucial no sucesso do processo de integração. O cuidador deve evitar opor-se às decisões do professor relativas a este aprendiz, especialmente as mais rigorosas, e não deve interferir no que o professor faz. O mais importante é não falar mal do professor, especialmente na presença do aprendiz resistente à escola, pois isso pode quebrar a imagem do professor na sua mente, tornando-o mais avesso à escola e tentando evocar simpatia daqueles que o rodeiam enquanto recusa cumprir o que o professor lhe pede.

Quanto ao professor, deve usar uma "mão de seda numa luva de ferro" com este aprendiz em particular. Isso significa que deve brincar com ele e incentivá-lo em tudo o que está relacionado com as lições que está a receber, muito mais do que incentiva os outros colegas. Isso ajudará o aprendiz a sentir o amor do professor e a atenção excessiva que lhe é dada, bem como a sua preferência sobre os outros colegas. Por outro lado, o professor deve lidar com ele com severidade e sem piedade quando comete erros, e deve evitar perdoá-lo, porque perdoá-lo no momento do erro torna o erro uma ação habitual para ele, levando à sua repetição sempre que desejar.

O mais difícil para o professor é tentar andar numa linha muito cuidadosa ao lidar com este aprendiz resistente à escola. O

professor deve usar a severidade para incutir as regras internas da sala de aula e impô-las com força para quebrar a sua rebelião. Ao mesmo tempo, o professor deve levar o aprendiz a um ponto em que perceba que o professor o ama desde que ele cumpra as regras de conduta, seja com o professor, colegas ou outros.

No entanto, para evitar o fenómeno do "aprendiz resistente à escola", descobri que o site "Grade Power Learning", que visitei na capital britânica – Londres, e com cujos responsáveis falei, explicou o processo de preparação psicológica que o cuidador/educador deve realizar para ajudar o novo aprendiz a ingressar na escola sem problemas. Eles resumiram-no nos seguintes pontos:

- Incentivar o aprendiz a ter sucesso no futuro, esclarecendo que a escola é o único caminho para alcançar todos os seus sonhos.
- Falar sobre os aspetos positivos da aprendizagem na escola e mostrar grande alegria no início dos estudos, enfatizando que a escola é um excelente lugar para passar tempo com professores e colegas.
- Enfatizar a importância de o aprendiz respeitar o professor e ouvi-lo.
- Organizar o tempo e a disciplina, reservando tempo para atividades recreativas.
- Acordar cedo e evitar dispositivos eletrónicos tanto quanto possível antes de dormir.

- Prestar atenção à higiene pessoal e à qualidade da alimentação como forma de motivação.

O aprendiz é afetado pelo desempenho do seu professor – tanto dentro como fora da sala de aula. Este desempenho é influenciado por inúmeras pressões, algumas das quais derivam da personalidade diária do Diretor, mas também da personalidade do inspetor educacional que visita regularmente a sala de aula. Isso coloca o professor sob um estado constante de escrutínio até que prove a sua inocência.

Com base na minha experiência no sistema educacional, o cargo de "inspetor educacional" é tipicamente ocupado por indivíduos que são mentalmente doentes, não apenas psicologicamente, mas num sentido mais profundo. Na melhor das hipóteses, o inspetor educacional é mentalmente doente num grau avançado, exigindo intervenção imediata para o salvar e para proteger os professores das suas ilusões, bem como para salvaguardar as gerações dos seus absurdos.

O inspetor educacional é um indivíduo que sofre de "Perturbação de Personalidade Narcisista" (PPN), uma condição crónica e generalizada na qual o indivíduo tem um amor-próprio avassalador e um sentido de grandeza. Esta é uma condição que tem sido amplamente estudada por psicanalistas, especialmente Freud.

O inspetor educacional visita a sala de aula inesperadamente, ocupando o lugar do professor e usando o seu gabinete e materiais. Desfila entre os alunos como lhe apetece, fazendo perguntas a um aluno selecionado e interrompendo o professor como acha melhor durante as lições. Depois de tudo isto, o inspetor nega ao professor os seus períodos de intervalo – isto aconteceu comigo pessoalmente – como se fosse dono do professor, ou como se o professor fosse um escravo do seu rebanho. Critica, procura erros e, se não encontra nenhum, fabrica-os do nada, mesmo que sejam triviais. Precisa de preencher um relatório com base nas suas questões emocionais e mentais em relação ao professor visado. Por esta razão, vejo as visitas dos inspetores educacionais como apenas uma forma de ajustar contas pessoais, nada mais.

O professor deve tolerar a doença mental do inspetor educacional, especialmente porque o Dicionário Collins de Inglês classifica o narcisismo como "um interesse excecional em si mesmo e admiração por si mesmo", o que significa um amor-próprio excessivo e um ego inflado, tentando mostrar as suas capacidades imaginárias de forma exagerada. Isso é exatamente o que o inspetor educacional tenta demonstrar quando se encontra com o professor ou durante seminários educacionais, especialmente em sessões de discussão, que são muitas vezes apenas oportunidades para o inspetor colocar o professor em julgamento com acusações falsas e mentiras, apenas para se sentir superior aos professores dentro do distrito que supervisiona. Muitos inspetores, até sem saber, atribuem o distrito educacional a si mesmos, repetindo "este é o meu distrito!" como se fosse uma propriedade pessoal que herdaram ou compraram com o seu próprio dinheiro.

O inspetor educacional carrega um sentido exagerado de importância, acreditando que é o núcleo do sistema educacional e que, sem ele, a educação no país entraria em colapso. Ilude-se a pensar que é bem-sucedido e poderoso, razão pela qual usa o seu poder administrativo de forma arbitrária contra os professores. A melhor prova disso são os seus relatórios periódicos. Acreditam que são únicos devido ao sentido de direito que cresce neles à medida que assistem a todas as cerimônias e eventos realizados nas instituições educacionais, sentados nos seus palanques cerimoniais. Isso torna-os indivíduos exploradores, invejosos e sem empatia pelos professores. Tornam-se puramente arrogantes, alimentando-se da sua arrogância e causando muito sofrimento e dificuldade aos professores com quem trabalham. Todos estes sintomas são componentes-chave da personalidade narcisista, segundo o consultor britânico Tennyson.

Quanto ao tratamento, a Perturbação de Personalidade Narcisista, de acordo com o Professor de Psicologia da Universidade de Chicago, Brent Roberts, melhora com a idade. Indivíduos mais velhos são menos narcisistas do que na sua juventude. No entanto, na prática, um narcisista deve submeter-se a terapia intensiva, o que é muito difícil, uma vez que o narcisista acredita que o terapeuta não é importante e que não há valor em falar com ele. Isso é exatamente o que acontece quando o professor tenta corrigir algumas ideias do inspetor educacional sobre métodos de ensino ou como lidar com os alunos.

Proponho abolir as visitas dos inspetores educacionais aos professores, porque essas visitas não têm nada a ver com educação e ensino. Em vez disso, são rixas pessoais entre o inspetor e os professores, a quem o inspetor vê como escravos que devem fazer sacrifícios por ele. O inspetor escreve relatórios favoráveis para o professor que segue os seus caprichos e relatórios críticos para o professor que não satisfaz o seu humor perturbado. O resultado é a perda tanto do professor como dos seus alunos.

Notei que um dos aprendizes, que luta com muitas dificuldades que afetam vários aspetos da aprendizagem, exhibe comportamentos estranhos. Este aprendiz sofre de problemas na receção de informações, compreensão, memorização, leitura de dados, organização e até em segurar uma caneta. Isso significa que, psicologicamente, ele estava fora da capacidade de aprendizagem, uma vez que as suas capacidades cognitivas não tinham sido desenvolvidas no quadro da aquisição inicial. Isso tornava qualquer tentativa de desenvolver a consciência completamente bloqueada para ele. Além disso, sofria de completo abandono familiar, com o seu encarregado profundamente envolvido em engano ao comunicar com o professor.

Este aprendiz tentava envolver-se com o professor enquanto recebia lições com os seus pares, usando todos os meios possíveis para atrair atenção. Quando não tinha sucesso, recorria a um estado de letargia relativa, observando silenciosamente os seus pares e registando na sua memória todos os outros alunos que eram

elogiados ou que interagiam positivamente com o professor. Depois, atacava ferozmente esses alunos no final das lições.

Estes comportamentos, especialmente contra os colegas, escalaram de forma incomum. O professor até notou que este aprendiz só atacava alunos trabalhadores e esforçados, mas nem sempre. Havia um momento específico para esses ataques: o momento em que os alunos saíam da sala de aula. Após meses de observação, o professor descobriu que este aprendiz começou a atacar até aqueles que ocasionalmente recebiam recompensas motivacionais.

Referindo-me à psicologia educacional, este aprendiz sofre de amor obsessivo pelo professor, uma condição em que o aprendiz sente um desejo intenso de possuir e proteger o professor apenas para si. Recusa-se a partilhar o professor com qualquer pessoa, nem mesmo com os seus pares na sala de aula, e não tolera o fracasso ou a rejeição do professor. Isso levou-o a atacar os alunos aplicados, pois via-os receber a aprovação do professor enquanto ele falhava em obtê-la. Isso criou nele um desejo de excluir esses alunos da sala de aula por qualquer meio, até violentamente, acreditando que, ao fazê-lo, seriam excluídos da vida do professor completamente, tornando o professor apenas seu.

A situação deste aprendiz piorou devido à falta de reconhecimento do problema pela sua mãe. Em vez de se concentrar em diagnosticar o problema e tentar modificar o comportamento do aprendiz com o apoio da equipa educacional, liderada pelo

professor, a mãe negou o que o seu filho estava a passar. Acusou o professor de alegações infundadas e irreais, tentando apresentar o seu filho como um aprendiz completamente normal. Enquanto isso, à medida que os outros alunos progrediam nas suas lições e participavam nas atividades muito bem, ou por vezes excelentemente, este aprendiz, incapaz de fazer o mesmo, tornava-se ainda mais violento, recusando-se frequentemente a assistir às aulas, citando desculpas sem qualquer base na realidade.

Não consegui abordar este caso devido à recusa do encarregado em reconhecer o que o seu filho estava a passar. O encarregado até demonizou o professor na presença do aprendiz para esconder a verdade do ambiente escolar. Isso privou a situação de qualquer intervenção imediata para a corrigir. Num cenário normal, eu deveria ter encorajado este aprendiz em todas as ocasiões, tentando convencê-lo de que estava ao mesmo nível dos seus pares, ou até melhor em muitos casos, aumentando a sua autoestima, mesmo que isso significasse desviar-me da realidade por vezes.

Em vez de me concentrar em ajudar este aprendiz a escapar ao ciclo de oscilações de humor, autodesprezo, ciúme e desrespeito pelos outros, encontrei-me apenas a convencê-lo a entrar na sala de aula, devido ao assédio e à demonização a que tanto o aprendiz como eu fomos submetidos. Tristemente, a sua mãe conseguiu agradar à sociedade à custa do seu filho e do seu professor.

O papel da escola primária é principalmente a educação antes da aprendizagem. Administrativamente, pertence ao Ministério da Educação, onde o professor é o primeiro mentor das crianças da nação. O professor carrega a responsabilidade de guiar gerações sucessivas inteiras, uma responsabilidade que envolve nutrir essas almas inocentes, como afirmou o antigo filósofo romano. Isso é feito incutindo boa moral, conduta adequada e um coração puro nesses jovens espíritos, de quem a comunidade espera que contribuam positivamente.

Com base na minha experiência no campo educacional, a educação (The Education), para além das suas definições académicas por pensadores como Kant, Platão, Al-Ghazali e até John Dewey, é o processo de moldar e refinar o comportamento e as ações do aprendiz através de vários métodos, recebidos na forma de lições e ensinamentos. É um acompanhamento psicológico que eleva o indivíduo de um estado puramente humano (animal-instintivo) para um estado humano (mental-espiritual). Com base nisso, a educação é uma das profissões mais nobres do mundo.

A educação de uma pessoa começa no momento em que a sua mãe é escolhida pelo seu pai para ser sua esposa e cuidadora dos seus filhos. A primeira fase da educação começa durante a gravidez, como provam os estudos ocidentais. O feto responde à música que a mãe ouve durante a gravidez, reconhece a sua voz e absorve alguns aspetos internos do seu subconsciente. Após o nascimento, a vida do bebé gira inteiramente em torno da mãe durante os primeiros meses. Ela é o centro do seu mundo, e ele não conhece

outro conforto. Mais tarde, a criança familiariza-se com outros membros da família, mas a mãe continua a ser o centro de todas as verdades para ele, sem qualquer diminuição (Nota: este tópico é abordado no livro "O meu assassino treina em Chicago").

Educar uma criança, seja rapaz ou rapariga, não significa apenas fornecer comida, bebida, abrigo e roupa, juntamente com outras necessidades básicas e luxos. Embora estas necessidades sejam indispensáveis, a educação — especificamente para os humanos — vai além destas necessidades físicas. O aprendiz, a criança, não é apenas um animal de natureza bruta; eles também têm necessidades espirituais que devem ser satisfeitas, como amor, afeto, companheirismo, desenvolvimento emocional, expressão de sentimentos e outros aspetos essenciais da alma e das suas necessidades.

Na educação do aprendiz — a criança — a mãe deve passar várias horas diárias com eles, abraçá-los e partilhar o seu mundo único, que pode parecer ingénuo para nós adultos, mas é, para a criança, a essência da vida em todas as suas dimensões. Qualquer pessoa que zombe dessas ideias "ingénuas" está a desrespeitar a própria existência da criança.

A responsabilidade não se limita à mãe no seu papel de educadora. O pai também deve estar totalmente presente como pai, passando tempo com a criança, ouvindo os seus pensamentos inocentes, interagindo com ela, desempenhando o papel de amigo,

companheiro, protetor e até garante na vida. Segundo Freud, o pai representa o totem de força para a criança, destinado a enfrentar o mundo exterior para proteger a criança de quaisquer perigos.

Após a mãe, o pai, a família imediata, a família alargada, os vizinhos e os entes queridos, vem o papel do professor. O professor tem a tarefa de orientar e apoiar o aprendiz. Na escola, o professor é a fonte da verdade para os alunos. Lembro-me claramente de como um dos meus colegas, um professor, escreveu acidentalmente um erro no quadro ao escrever a Surah Al-Humazah, omitindo a palavra "Lamzah" do versículo. Uma mãe descobriu o erro ao rever a Surah com o seu filho antes de um teste, mas o aluno negou a correção da mãe, rejeitou o Alcorão e recusou-se a aceitar a correção de qualquer outra pessoa, agarrando-se ainda ao que o seu professor tinha dito. Se o professor não tivesse reconhecido o erro e corrigido na presença de todos, o erro teria persistido na mente destes alunos como uma verdade imutável. De facto, a educação começa e termina com os pais, mas o professor do ensino primário, especialmente o professor do primeiro ano, desempenha um papel crucial em ambas as direções — positiva e negativa. Portanto, os professores devem ser respeitados em todas as circunstâncias e sob todas as condições.

Durante muitos anos, tenho trabalhado como professor — um professor num sistema educacional que se baseia na teoria da Gestalt no ensino, conhecido como sistema da "Segunda Geração". Este sistema, em suma, baseia-se no princípio de transição do todo

para a parte numa ordem descendente clara. O aprendiz começa por aprender a frase, depois decompõe-na em palavras, seguido pela segmentação da palavra em letras através de técnicas de segmentação fonética. A etapa final envolve a descoberta da letra específica a ser estudada.

Este sistema educacional é muito bem-sucedido na sua região de origem, nomeadamente nos países germânicos, e tem muitos benefícios psicológicos, especialmente para o aprendiz. Afasta-se da coerção da aprendizagem decorativa, com o professor a transitar de mero instrutor para guia e companheiro. Além disso, a eliminação das avaliações de transição para os aprendizes do primeiro ano e a sua progressão automática para o ano seguinte reduziram muitas pressões, atrasando temporariamente a entrada do aprendiz na responsabilidade. Isso também mitigou o impacto das observações normativas feitas pelo professor, o que aliviou significativamente os alunos mais jovens.

No entanto, dentro do sistema educacional a que pertenço, a mudança no ambiente cultural e a singularidade do contexto humano com que trabalho tornaram o sistema da Segunda Geração difícil de compreender para os educadores. Por exemplo, um professor que passou mais de 20 anos a progredir nas lições da parte para o todo — ou seja, da letra para a frase — teve dificuldade em aceitar o conceito de transição da frase para a letra, do todo para a parte. Além disso, os responsáveis pela educação, especialmente alguns burocratas como o "inspetor educacional" que não é fluente em germânico nem em inglês e está habituado ao

pobre sistema educacional latino/francês devido à sua admiração por tudo o que é parisiense, viram uma oportunidade para atacar qualquer professor que aplicasse o sistema da Segunda Geração na sala de aula. Isso foi impulsionado por duas razões principais: primeiro, a sua rejeição inicial de qualquer coisa diferente do que estava habituado; e segundo, a sua ignorância do sistema da Segunda Geração e de tudo o que ele implica.

Contrariamente à confusão enfrentada por muitos educadores unfamiliarizados com línguas europeias, e que ainda operam no sistema educacional em que também trabalho, implementei o sistema da Segunda Geração na totalidade. A minha proficiência em algumas línguas germânicas, juntamente com visitas a países europeus onde o sistema foi implementado com sucesso variado, ajudou-me nisso. Apesar de ter encontrado forte oposição do "inspetor educacional ignorante que chefia o distrito educacional onde trabalho", descobri certas lacunas que precisam de ser abordadas aqui como recomendações de um professor que experimentou o sistema da Segunda Geração num quadro educacional que estava habituado ao sistema da Primeira Geração (o sistema latino).

Vou focar-me em dois pontos-chave que considero essenciais para o sistema da Segunda Geração: um positivo e um negativo.

1. A eliminação das avaliações normativas para os alunos do primeiro ano do ensino primário removeu pressões e erradicou o

fenómeno da rivalidade e do ressentimento causado pelas comparações entre colegas. Este é um aspeto positivo significativo, pois une e consolida os aprendizes.

2. A transição automática do primeiro para o segundo ano do ensino primário, embora alivie a pressão psicológica sobre os alunos e elimine a ansiedade associada aos testes, impactou negativamente a abordagem de alguns pais no apoio aos seus filhos. Observei negligência flagrante e uma laxidez alarmante por parte de alguns pais, devido à sua confiança de que o sistema de promoção automática fará avançar o seu filho para o ano seguinte. Isso afetou negativamente o rendimento académico e até o envolvimento emocional no sentido de responsabilidade do aprendiz dentro e fora da sala de aula, particularmente no que diz respeito à retenção e domínio das lições.

Em muitas situações que vivenciei ao longo da minha carreira na educação, vi uma imagem de veludo desenhada de um aprendiz, onde este aprendiz — um aluno — é sujeito a castigo corporal "não severo" ou a qualquer forma de disciplina pelo professor na sala de aula, após o aprendiz ter exibido comportamento classificado como "inaceitável" dentro do círculo da boa moral, ou ter violado uma das instruções do professor, ou falhado em rever as suas lições, por exemplo. No dia seguinte a este "infeliz" incidente, o encarregado do aprendiz — o pai ou a mãe — pega no seu filho pela mão e dirige-se à escola, procurando o professor para o repreender na presença do seu filho, e muitas vezes na presença de outros, de uma forma extremamente rude.

A escola pública em que trabalho está sujeita a um conjunto de leis promulgadas pelos legisladores do país. Entre essas leis está a lei específica sobre a disciplina dos professores, que os pais sabem de cor. Eles estão cientes de que o castigo físico de um aluno é punível ao abrigo desta lei, com uma penalidade classificada no nível quatro, que pode levar o professor a ser arrastado para tribunal e potencialmente demitido do seu cargo de professor, além de ser atirado para uma cela de prisão, como a prisão de "Ain Fezza".

Uma criança nasce rebelde, não aderindo a quaisquer regras, seja qual for o seu tipo ou valor social. A primeira tarefa da família é conter esta rebelião e ensinar à criança todas as normas sociais antes de ela entrar no ensino primário, altura em que esta tarefa é transferida para o professor. É por isso que acredito que controlar os alunos rebeldes — especialmente os da turma do primeiro ano — só pode ser alcançado através do castigo, especificamente o castigo corporal não severo, uma vez que o contexto social o exige. Esta é a mesma forma como as nossas famílias educam os seus filhos. O pai que se recusa a permitir que o seu filho seja punido pelo professor, independentemente do que o filho fez, é o mesmo que bate violentamente no filho se este quebrar quaisquer regras domésticas, por exemplo.

O problema com o aprendiz rebelde que vê o seu professor ser repreendido, e muitas vezes atacado, pelo pai ou mãe, é que a imagem do professor como figura disciplinadora na sua mente é destruída, o que faz com que o aluno se torne ainda mais rebelde,

não apenas em relação ao professor, mas também em relação aos seus colegas. Numa certa fase — muitas vezes durante a adolescência — eles rebelar-se-ão até contra os próprios pais, infelizmente.

Há alguns abusos violentos por parte de certos professores, que podem causar injustiça a um aluno, muitas vezes devido a questões pessoais entre o professor e o pai, não relacionadas com a educação em si. No entanto, se um pai se deparar com tal situação, deve repreender o professor longe da vista do seu filho para preservar a imagem do professor como figura disciplinadora na mente do aluno. A disciplina é necessária na fase do ensino primário; é uma parte fundamental do processo educacional que prepara o terreno para a aprendizagem e para a disciplina geral da vida.

O que notei é que os pais que atacam o professor na maioria das situações que testemunhei têm frequentemente filhos que são aprendizes mimados com dificuldades de aprendizagem. Estes pais podem tentar atacar o professor numa tentativa de o intimidar, esperando garantir boas notas nos exames para evitar problemas futuros. No entanto, estas situações geralmente levam a resultados completamente opostos para o aprendiz e seus pais. Muitos professores que perderam a sua imagem disciplinadora aos olhos dos alunos acabam por se proteger da ira dos pais, negligenciando os seus alunos rebeldes, o que só aumenta a rebelião destas crianças. Como resultado, não alcançam os resultados desejados, e

as perdas são duplas — os aprendizes não são disciplinados nem aprendem.

Notei que alguns alunos do primeiro ano experimentam o fenómeno da "dislexia". Pode encontrar um aluno que, como descrito no dialeto dos nossos irmãos orientais no mundo árabe, "memoriza sem compreender". Isso significa que a criança pode recitar todo o texto sem quaisquer erros gramaticais ou linguísticos, mas se a parar e perguntar sobre a localização de uma determinada palavra, ela não conseguirá responder porque não consegue ler as letras uma vez combinadas em palavras, ou as palavras combinadas em frases.

Este fenómeno, a dislexia, ocorre em aprendizes cujos pais falham em reconhecer a condição real dos seus filhos perante a sociedade e os professores, especialmente os educadores. Estes pais tentam esconder as dificuldades de aprendizagem dos seus filhos do professor e de outros, temendo que isso prejudique a sua imagem idealizada do filho. Este fenómeno também afeta crianças mimadas cujos pais estão desligados da realidade dos seus filhos. Eles veem os seus filhos como perfeitos e acreditam que não devem ser criticados, mesmo que os desafios, como sofrer de dislexia, sejam evidentes e reais. Isso agrava ainda mais as dificuldades enfrentadas por estes aprendizes, muitas vezes piorando devido à teimosia dos pais ou ao atraso em abordar o problema.

Uma criança que não consegue reconhecer todas as letras do alfabeto inevitavelmente terá dificuldades com a dislexia. No entanto, há graus variados de dificuldade com este fenómeno. Por exemplo, um aprendiz pode não conhecer as formas ou os sons das letras, o que representa um caso muito complexo. Diagnosticar e tratar tais casos pode ser muito mais difícil do que um professor possa imaginar. Alguns aprendizes reconhecem as formas das letras, mas não conseguem associá-las aos seus sons, o que os coloca no segundo nível de dificuldade. Outro grupo consegue reconhecer os sons e associá-los bem às formas através de diferentes sinais e marcas, mas ainda tem dificuldade em ler palavras. Isso significa que falham em juntar as letras numa única palavra.

De acordo com a psicologia pedagógica, o professor é a pessoa mais adequada para diagnosticar a dislexia, uma vez que interage com os aprendizes diariamente e os acompanha ao longo das suas fases críticas de desenvolvimento, tipicamente consideradas pela maioria das escolas psicológicas, particularmente as anglo-saxónicas, como entre os quatro e os doze anos.

Uma vez diagnosticada a dislexia, seja pelo educador ou por um especialista em psicologia, é essencial determinar o nível de dificuldade para aplicar o tratamento adequado. Esta avaliação é feita através de uma série de testes, que devem ser culturalmente relevantes e considerar a prontidão psicológica do aprendiz.

Cada nível de dificuldade requer um método de tratamento específico. Por exemplo, um aprendiz que não consegue reconhecer as letras do alfabeto ou conectar as suas formas com os sons é considerado um caso muito difícil. Ao tratar tal caso, é importante evitar decompor as palavras foneticamente ao reintroduzir uma letra-alvo e, em vez disso, tentar ligar a letra diretamente ao seu som antes de passar para a letra seguinte.

A detecção precoce da dislexia acelera o processo de tratamento antes que este piore. Envolver os pais tanto no diagnóstico como no tratamento é crucial, considerando o tempo limitado que um professor tem dentro da sala de aula para cuidar do resto dos aprendizes. É vital não negligenciar a maioria em prol da minoria.

A questão da concentração (Fokus) entre os aprendizes é um problema inerente à sua psicologia, variando em graus. Isso deve-se a muitas razões e fatores. Não me refiro à concentração apenas durante os testes, mas sim ao foco durante as lições, particularmente quando um professor explica um conceito específico, ou quando um aluno é solicitado a completar uma tarefa.

A concentração é a combinação de alerta, interesse e ativação das faculdades sensoriais para apreender informações específicas ou resolver um problema. É um processo mental ligado a um sentido físico, e esta parceria constitui o que muitas vezes se chama de inteligência. A inteligência é medida pela velocidade com que este

processo (concentração) é concluído, o que varia de um aprendiz para outro.

A Geração ‘Z’ geralmente enfrenta problemas de concentração. Devido ao seu uso constante de ecrãs e à exposição contínua à luz azul, foi demonstrado que a coordenação das suas células nervosas e órgãos sensoriais está num estado de constante abrandamento, tornando mais difícil para eles concentrarem-se. Infelizmente, este problema coincide com o aumento alarmante da desagregação familiar, levando a um grave abandono das crianças, tanto em casa como fora, fazendo com que os aprendizes abordem as lições com pouca atenção e distração mental. Esta questão requer ser abordada, tanto quanto possível.

Como professor, encontrei-me a lidar com um grupo de aprendizes que falta concentração na informação que forneço, assistindo de acordo com a natureza da lição ou o estado de espírito geral da turma. Em muitas ocasiões, descobri que o meu próprio estado emocional afeta o estado de espírito geral dos aprendizes, levando a uma situação muito estranha.

A falta de concentração nos tópicos de avaliação ou testes é compreensível para mim, pois está relacionada com a pressão social exercida pelos pais sobre os seus filhos, decorrente do desejo de alcançar notas que satisfaçam as suas próprias necessidades emocionais, visando alcançar um elevado estatuto social à custa dos seus filhos e das suas aspirações.

A ausência de concentração devido à natureza da escola, que é um ambiente novo para os aprendizes na turma do primeiro ano, é sempre um resultado do stress causado pela falta de preparação psicológica que a criança deveria experimentar antes de se tornar um aluno na sala de aula. Isso afeta negativamente muitos aprendizes que precisam de tempo para se adaptar ao novo ambiente — a escola — quanto mais concentrar-se nas lições e contribuir para o seu sucesso, participando nelas.

No entanto, a situação que me pareceu, e ainda parece, estranha, que mencionei anteriormente, é o que acontece com um aprendiz que presta atenção a todos os detalhes na sala de aula — como o quadro-negro, a decoração nas paredes, a roupa do professor e até a cor dos cadernos e registos dos seus colegas — mas não se concentra no que o professor está a dizer durante a explicação da lição.

Após focar-me em exemplos destes aprendizes, descobri que todos eles — os que se concentram em tudo menos na lição — sem exceção, têm sentimentos negativos em relação ao professor. Estes sentimentos decorrem de muitas causas possíveis, como o medo do professor, a relutância em frequentar a escola ou a dificuldade em separar-se do lar familiar, entre outros.

Um aprendiz que é devidamente preparado antes de ingressar na escola descobre que a aprendizagem nas turmas do primeiro ano se

torna tão rotineira como comer, beber e brincar. Encontrei muitos alunos que se destacam e até me ultrapassam como professor na entrega de lições e na explicação de questões complicadas aos seus pares — não por qualquer razão particular, mas porque entendem que a escola é apenas outra parte da vida, como o lar. Por outro lado, um aprendiz que é afastado de casa e se encontra num novo ambiente que não satisfaz as suas necessidades recreativas sofrerá, infelizmente, uma pressão psicológica significativa, fazendo com que se concentre em tudo à sua volta, exceto no professor e no que ele diz.

Um dia, uma mãe visitou-me, assustada com o que o psicólogo lhe tinha dito sobre a saúde mental da sua jovem filha. A rapariga era educada e aluna da minha turma de primeiro ano. Após a mãe expressar sinais de tristeza e arrependimento, confidenciou-me que a sua filha tinha sido diagnosticada com hiperatividade, segundo o psicólogo — que, na minha opinião, também precisava de tratamento psicológico. Tentei acalmá-la e tranquilizá-la, enquanto lidava com a aluna, o que exigiu tempo e paciência.

A hiperatividade (Den hyperkinetiske lidelse) é uma condição neurológica que se desenvolve numa perturbação psicológica, levando os afetados a envolverem-se em inúmeras atividades de forma desorganizada e ilógica, sem qualquer sentido de ordem ou necessidade de descanso. É movimento pelo movimento, em vez de movimento para eliminar a imobilidade.

A hiperatividade impacta negativamente um aluno inicialmente, dificultando a compreensão das lições ou a adesão às regras da sala de aula e ao sistema escolar em geral. Isso leva a numerosos problemas com professores e outros funcionários, bem como com os pares. O efeito da "hiperatividade" num aluno é significativo, particularmente em áreas como imprudência e impulsividade, que dificultam a concentração e podem resultar em falha de compreensão. Isso pode atrasar o desenvolvimento da fala, as habilidades motoras e levar a problemas de autoestima quando comparado com outros, o que pode causar conflitos sociais ou isolamento, levando, em última análise, à solidão. O aluno também pode ser descuidado com pessoas mais velhas, enquanto as suas relações com os pares tendem a ser pouco saudáveis.

Quanto à aluna em questão que sofria de hiperatividade, soube que ela nunca tinha ido à escola antes de se juntar à minha turma de primeiro ano. Não tinha frequentado o jardim de infância ou uma mesquita, e até os breves versículos do Alcorão que memorizou foram resultado dos esforços dos pais em casa.

Não demorou muito para nos tornarmos mais próximos, como amigos em vez de professora e aluna. Ela confiava em mim completamente e começou a partilhar tudo o que acontecia na sua vida diária, até os pequenos incidentes em casa. Eu incentivava-a em público quando respondia corretamente às perguntas e repreendia-a suavemente em privado quando cometia erros na presença dos seus pares. Como esperado, ela tornou-se muito competitiva e imitava qualquer comportamento que merecesse

elogios, na esperança de receber reconhecimento semelhante. Com o tempo, ela melhorou significativamente. Conseguiu controlar os seus movimentos na maior parte do tempo, embora tivesse dificuldade com explosões emocionais durante momentos de raiva ou alegria extrema.

Encontrei outro caso semelhante quando uma mãe veio explicar que o seu filho tinha hiperatividade. No entanto, com base na minha experiência anterior com a rapariga, inicialmente senti que o rapaz não era verdadeiramente hiperativo. Embora os seus movimentos fossem caóticos e descontrolados, suspeitei que houvesse questões subjacentes mais profundas. Assegurei à mãe que investigaria o assunto e faria o meu melhor para ajudar o seu filho.

De facto, o aluno não seguia qualquer sistema e não respeitava a autoridade de ninguém, incluindo a minha como seu professor. Ele exibia comportamento anormal, era violento com os seus colegas e até tentava ser violento comigo. Era rebelde na maior parte do tempo e, mais grave, tinha dificuldade em compreender e processar vários tipos de informação. Após diagnosticar a sua condição, descobri que ele sofria de uma doença mental (den psykiske sygdom). A sua mãe, no entanto, recusou-se a reconhecer isso, temendo o julgamento social. Em vez disso, fabricou o diagnóstico de "hiperatividade" para me enganar. Como resultado, fiquei envolvido em inúmeros problemas com a mãe, e o seu filho continuou a sofrer. Esta situação não é incomum, pois muitos

alunos falham academicamente porque os seus pais priorizam a percepção social em detrimento do bem-estar dos seus filhos.

No meu primeiro ano como professor do ensino primário, ao assumir uma turma de quarto ano do seu professor anterior, recebi muitas dicas e recomendações. Entre elas, uma nota sobre um dos alunos: "Este aluno é muito solitário, os seus pares não se aproximam dele, e por favor, deixem-no em paz, também não se aproximem dele, professor." Quando perguntei porquê, o gentil professor respondeu: "Ele tem autismo."

A perturbação do espectro do autismo (Autisme) é uma perturbação do desenvolvimento neurológico que faz com que um indivíduo seja atípico. De acordo com a psicologia educacional, é uma perturbação cerebral que afeta a forma como uma pessoa percebe os outros e interage com eles, levando a muitos problemas porque o aluno afetado é incapaz de interagir adequadamente com o seu ambiente escolar. Isso resulta em dificuldades significativas na comunicação social, e esta perturbação também envolve comportamentos repetitivos que variam em gravidade e grau de desvio.

Os sinais de autismo nos alunos geralmente aparecem durante as fases da primeira infância, como falta de contacto visual, não responder quando chamado ou indiferença em relação aos cuidadores (pais ou professores). Podem tornar-se introvertidos ou agressivos, ou perder habilidades linguísticas que podem ter

adquirido anteriormente. Frequentemente, esses sinais tornam-se aparentes para os professores após apenas alguns dias de aulas.

É comum que um aluno com autismo exiba um padrão único de comportamento, oscilando entre desempenho alto e baixo, o que resulta em desafios significativos de aprendizagem. Alguns alunos autistas mostram sinais de inteligência inferior em comparação com os seus pares, mas notei que um aluno autista pode aprender rapidamente, apesar das dificuldades contínuas de comunicação com o seu ambiente escolar, especialmente quando se trata de convenções sociais.

Um aluno autista não gosta de abraços ou qualquer forma de contacto físico, preferindo permanecer isolado no seu próprio mundo. Tem dificuldade com a comunicação visual e muitas vezes tem um rosto que não expressa emoções. Fala com dificuldade notável, falando tarde ou usando muito poucas palavras, tornando-o propenso a perder a capacidade de falar fluentemente. O seu tom de voz frequentemente falta equilíbrio e harmonia com a expressão emocional, e não é proativo em conversas, nem expressa as suas necessidades diretamente. Muitas vezes, fala como um robô, repetindo as mesmas frases, e pode até ter dificuldade em entender instruções simples e rotineiras. Também carece de habilidades de raciocínio, interpretação e análise. A sua linguagem corporal é frequentemente inconsistente com o que está na sua mente ou com o que está a expressar.

À medida que continuei a ensinar, o aluno autista começou a integrar-se mais no seu ambiente escolar. Ele podia interagir com alguns dos seus pares, dependendo do nível de ensino que eu estava a proporcionar dentro e fora da sala de aula. Isso sugere que a comunicação social entre alunos autistas pode ser melhorada e depende em grande parte dos seus professores.

Com o tempo, tornei-me amigo do meu aluno "autista". Descobri que ele era muito inteligente, superando até a inteligência do diretor da escola na época (ajudei-a a sair de uma situação embaraçosa na minha turma). Ganhei a sua confiança ao ponto de ele partilhar os seus segredos comigo, depois de eu ter prometido não os revelar. Ele também fez amizade com alguns dos seus colegas mais novos. Quanto aos estudos, ele tinha dificuldade com a leitura devido à sua dificuldade em pronunciar letras de forma consistente e tinha problemas com a escrita devido à sua caligrafia pobre. No entanto, destacava-se no pensamento e na resolução dos problemas matemáticos mais complexos, especialmente em álgebra.

Durante um ano letivo completo, dei aulas a alunos do primeiro ano do ensino primário, das 12:30 às 17:00 todas as terças-feiras, sem interrupção, nem mesmo para um intervalo de dez minutos. É importante notar que os alunos deste nível tinham todos não mais de 7 anos. Gostaria de mencionar que não suportava ver os alunos da minha turma, pelos quais era responsável, a colapsar devido à exaustão psicológica. Portanto, violava frequentemente os regulamentos, permitindo que os alunos fizessem pausas de dez a

quinze minutos, arcando com todas as consequências legais e abraçando os benefícios humanos que daí advinham. Não me arrependo disso.

Quanto aos alunos, estavam um pouco divididos em grupos com problemas semelhantes. Um grupo sofria de exaustão, o que os deixava frustrados devido aos longos períodos de estudo e à sua sequência, o que se refletia negativamente no seu desempenho acadêmico. Perguntavam-me quando poderiam sair assim que entravam na sala de aula, porque sabiam que ali estaríamos, passando de uma lição para outra durante muito tempo todas as terças-feiras, o que era opressivo para eles.

Outro grupo de alunos tinha pais que decidiam não os trazer à escola todas as terças-feiras, oferecendo várias desculpas, o que resultava em ficarem para trás em muitas lições, especialmente as relacionadas com a aprendizagem do alfabeto, uma vez que a segunda lição de descoberta de letras no currículo semanal era, infelizmente, agendada para todas as terças-feiras.

Outro grupo encontrava conforto em não se concentrar nas lições e em concentrar-se em brincadeiras, independentemente do tipo. Desde o momento em que entravam até à hora de sair, estavam distraídos por muitas coisas, exceto pelo professor e pelo que estava a ser ensinado naquele dia. Isso fazia com que não tivessem consciência das lições que estavam a ser ensinadas, enquanto ao mesmo tempo perdiam tempo a desenhar ou a brincar.

A maioria dos alunos do primeiro ano começou a vir para a aula todas as terças-feiras num estado de depressão, pois o longo tempo passado nesta situação tornou-se um problema recorrente que enfrentavam todas as semanas, levando a muita pressão psicológica e mental. Devo também notar que havia um grupo de alunos com predisposição genética para cair neste estado depressivo, que apenas o horário de terça-feira ajudava a agravar.

Tentei todos os métodos possíveis recomendados por especialistas em psicologia educacional para tais casos, e descobri que o método mais eficaz, que levou a resultados altamente positivos, foi a terapia cognitivo-comportamental. Isto porque a terapia lúdica não era útil para a maioria, a psicoterapia dinâmica só beneficiava os alunos com inteligência muito elevada, e a terapia comportamental era eficaz apenas para aqueles que tinham deficiências éticas, mas não para outros.

Quanto à duração das aulas, sugiro que não excedam uma hora, especialmente para os alunos do ensino primário do primeiro e segundo ciclos, e que haja um intervalo entre as aulas consecutivas. Além disso, recomendo dispensar todos da sessão da tarde, pois depois do almoço, as pessoas, especialmente as crianças, precisam de uma sesta em vez de aulas. A capacidade de compreensão diminui drasticamente tanto em crianças como em adultos.

A escola primária está organicamente ligada à condição social geral de uma forma que não pode ser separada. Portanto, qualquer novo fenómeno na nossa sociedade — se assim posso dizer — impactará inevitavelmente o ensino direta ou indiretamente, refletindo-se no papel do professor educador, por um lado, e nos aprendizes, por outro.

Um dos maiores inimigos do rendimento académico dos aprendizes é o stress em todas as suas formas, que faz com que o aprendiz fique ansioso, perca a determinação, o foco e pode até levar a uma rejeição do professor e da escola. Em tais situações, o papel principal do professor é aliviar e dissipar essas pressões tanto quanto possível, para manter um ambiente de sala de aula alegre, considerado essencial, no mínimo, para receber e absorver as lições.

Entre os fenómenos sociais — que considero recentemente emergentes e altamente perigosos tanto para aprendizes como para professores — está a intrusão das mães, "por assim dizer", no ambiente escolar. Uma mãe traz o seu filho à escola de manhã sob vários pretextos, para se encontrar com outras mães que fazem o mesmo com os seus filhos, para se encontrar com o professor e para discutir cada pequeno detalhe sobre a educação, sob o pretexto de serem "parceiras sociais".

O fenómeno da reunião de mulheres nos portões da escola abre as portas à pressão sobre alunos e professores. A teimosia social, o

orgulho pelos feitos acadêmicos dos filhos, as comparações entre crianças, e assim por diante, criam frequentemente problemas secundários, especialmente para o professor. Cada mulher quer que o seu filho seja o número um e pressionará o professor por qualquer meio, chegando até a ameaçar alguns professores na esperança de obter bons ou excelentes resultados para os seus filhos, longe dos métodos competitivos legítimos dentro da escola.

Na nossa comunidade, uma mulher muitas vezes falha em alcançar os seus objetivos sociais, que são tipicamente obter distinção ocupando uma posição social prestigiosa, e volta-se para o casamento, o parto e o envio do seu filho para a escola. Depois, exige que o seu filho ocupe a posição de topo entre os seus pares para satisfazer a sua vaidade quando se senta com os seus pares em círculos de fofocas. Se o filho falha em cumprir as ilusões da sua mãe, ela recorre a todos os métodos para pressionar o professor a condescender com o seu filho, concedendo-lhe notas académicas altas e falsas.

Para este grupo de mulheres, o rendimento académico já não é o objetivo final; o que lhes importa são as notas. Algumas até usam vários métodos, na sua maioria ilegais, para pressionar o professor a dar aos seus filhos notas falsas, tudo em prol de se gabarem e mostrarem a sua vaidade perante um falso espelho social.

Esta situação social colocou os aprendizes numa posição muito miserável. Alguns desenvolveram sentimentos de ódio em relação

ao seu professor devido à provocação constante da sua mãe, tentando criar problemas com o professor para provar que o declínio acadêmico do seu filho não se deve à preguiça da criança, mas sim ao "ódio" do professor. Do lado do professor, ao enfrentar estas pressões com honra e firmeza, ele é sempre sujeito a rumores falsos, em parte devido ao medo e à covardia da administração perante o grupo destas mulheres, bem como às próprias conspirações das mulheres. Isso diminui a capacidade do professor de se concentrar em dar aulas, por vezes ao ponto de completa incapacidade de o fazer.

Sugiro expulsar estas mulheres da reunião nos portões das instituições educacionais e aderir aos horários de recepção legalmente regulamentados, que não devem exceder meia hora semanalmente. Mesmo a recepção não deve ser aleatória, onde atacam o professor sem qualquer aviso prévio ou justificção. Deve ser sob a supervisão e conhecimento da administração, para que o professor não enfrente estes "predadores" sozinho no campo de batalha, sem proteção ou cobertura.

Há certas situações que acredito — com base na minha experiência na educação — que podem colocar pressão sobre um professor, especialmente se estiver nas fases iniciais da sua carreira. Uma dessas questões é o título de "experiência profissional", onde frequentemente encontramos que um professor que passou muitos anos no campo da educação acredita — isto é comum no meu ambiente — que esses anos na profissão são suficientes para o tornar um "deus" (Guden) da educação e do ensino. As suas

opiniões tornam-se sagradas, as suas ideias são tratadas como inspiração divina, e as suas ações são consideradas a verdade absoluta, eterna e imutável.

Este tipo de professor — um com vasta experiência profissional — independentemente de quantos anos serviu, sofre de megalomania, que deriva da sua situação familiar. Estes "deuses da educação" exibem comportamentos associados a perturbações mentais, decorrentes de fatores genéticos, mas outras causas também podem contribuir, como perturbações familiares, dominação dentro da família e tensões excessivas em ambientes isolados. Estes fatores podem facilitar o desenvolvimento de personalidades psicóticas, infelizmente.

Os choques psicológicos repetidos causados pela pressão exercida pelo seu ambiente e sociedade sobre os "deuses da educação" tornam-nos mentalmente abalados e profundamente afetados. Isso leva a sentimentos de frustração, fracasso e um conflito psicológico entre o desejo do professor de realizar as suas aspirações e o seu medo do fracasso. A teoria comportamental sugere que tais indivíduos sofrem de paranoia, que se forma devido à sua aprendizagem incorreta de certos hábitos defeituosos.

O "velho professor" sofre de condições psicóticas (doença mental), marcadas por delírios persistentes e claros, devido ao controlo de um conjunto de crenças fixas. Os delírios do "velho professor" centram-se em sentimentos de grandeza e perseguição. Vive com

pensamentos dominantes que o fazem alucinar, e embora a sua fala possa parecer lógica, ele acredita firmemente nas suas ideias incorretas, uma vez que esta é uma condição psicológica patológica. Neste estado, o "velho professor" desenvolve um sistema de crenças complexo centrado em ilusões realistas, que o convencem de que está a ser perseguido por outros grupos sociais, sendo a razão subjacente para a sua perseguição a sua grandeza e importância.

O "velho professor" é muito falador, movendo-se constantemente de um tópico para outro sem qualquer ligação entre eles. É hiperativo, dorme pouco, passando frequentemente longos períodos sem descansar, o que o torna incrivelmente fatigado. Também afirma constantemente ter realizado feitos extraordinários ao ensinar gerações sucessivas, particularmente enfatizando o passado, que considera a "era de ouro" que nunca se repetirá.

A condição do "velho professor" é tipicamente o resultado de uma doença mental, muitas vezes a perturbação bipolar. Por esta razão, sugiro a realização de avaliações "psicológicas" para professores a cada dez anos no campo da educação. Se o "velho professor" for diagnosticado com megalomania, um especialista em psicologia deve interná-lo imediatamente num hospital para ser monitorizado por uma equipa médica especializada. Deve receber medicamentos antipsicóticos e sedativos periodicamente para o ajudar a descansar do seu movimento excessivo e evitar que se esgote. O professor deve permanecer no hospital por um longo período, se necessário, uma vez que a megalomania pode muitas vezes levar à

esquizofrenia. Em tais casos, deixar um professor com esquizofrenia nas ruas pode representar um perigo para cidadãos inocentes.

Quanto aos novos professores, aconselho-os a não confrontar os professores mais velhos, pois alguém com megalomania pode ser perigoso para qualquer um que o desafie ou critique, especialmente se o professor mais velho estiver a segurar um objeto afiado ou uma arma, ou se o novo professor estiver sozinho e não tiver ninguém para o ajudar se o professor mais velho tentar prejudicá-lo.

Com base na minha experiência na educação, a mina terrestre da experiência profissional pode afetar outras pessoas além dos professores veteranos, particularmente os inspetores educacionais e até os diretores das escolas. Os mais vulneráveis a esta condição perigosa, com base no que observo, são as professoras, por várias e muitas razões.

A sociedade ao meu redor — se assim posso dizer — ainda considera o professor como uma pessoa pobre e a escola como uma instituição fraca. Não é tão forte como instituições como a polícia ou o sistema judicial. Esta visão dos professores levou muitos a tratá-los com desrespeito flagrante, embora possam ouvir palavras doces sobre honrá-los e reverenciá-los. No entanto, a realidade revela muitas verdades ocultas, onde os professores estão constantemente sob escrutínio sem escapatória.

"Dêem ao professor a dignidade de um embaixador e o salário de um ministro", como afirma a nação japonesa. Se quiserem construir um país como o Japão, que conseguiu sair do círculo do mundo subdesenvolvido para outros círculos fora da classificação global, não acredito que o professor japonês — o professor universitário — seja alguém que recebe o seu salário dos círculos do serviço público, como é o caso dos nossos professores!

Sugiro dar aos professores um salário pelo menos igual a metade ou ligeiramente mais do que o salário de um ministro no nosso país, ao mesmo tempo que lhes concedo imunidade durante o seu trabalho, equivalente à desfrutada pelos parlamentares e membros da assembleia popular. Não é o professor o primeiro e mais direto educador do povo?

Em termos de instituições, proponho que as escolas sejam separadas dos municípios e diretamente afiliadas ao ministério relevante. Cada escola deve ter um gestor financeiro, o seu próprio departamento de TI e uma equipa dedicada responsável por abordar as preocupações dos professores, especialmente as relacionadas com a pesquisa de formas de melhorar os métodos e ferramentas educacionais.

Proponho o estabelecimento de um sistema de geminação entre as nossas escolas e as de outros países, para que os nossos professores possam comunicar com os seus colegas em diferentes nações e

beneficiar da troca de experiências. Devemos também facilitar as viagens dos professores ao estrangeiro, concedendo-lhes passaportes diplomáticos especiais. Isso abriria muitas portas para os professores, dando-lhes a oportunidade de interagir com as culturas e línguas de outras nações que são ideológica e culturalmente diferentes das nossas.

A promulgação de legislação rigorosa que puna qualquer pessoa que prejudique um professor, e a implementação rigorosa e urgente desta, é necessária para restaurar o poder dos professores no enfrentamento da sociedade — se assim posso dizer. Isso também deve garantir a remoção de todos os obstáculos para os professores, concedendo-lhes poderes alargados, colocando-os em posições mais fortes do que quaisquer outras instituições organizacionais ou legais em toda a república.

As escolas devem ser mantidas livres de todos os conflitos políticos e ideológicos, e os meios de comunicação devem ser abertos aos professores através de todas as suas plataformas, para elevar o estatuto do professor de um funcionário comum para uma estrela que deve influenciar outros grupos sociais. Isso ajudaria a abordar a trivialidade que afeta a nossa juventude através de várias redes sociais, sejam físicas ou virtuais.

Todas as instituições da república devem ser mobilizadas para servir os professores, e os professores devem ser colocados em cargos consultivos onde as suas opiniões sejam respeitadas em

todas as matérias relacionadas com qualquer setor. Deve também ser-lhes dada a oportunidade de expressar as suas ideias, que devem ser estudadas minuciosamente, com recomendações para implementação se os especialistas concordarem em aceitá-las.

As escolas devem ser expandidas e modernizadas, com prioridade e a maior parte do orçamento anual da república atribuídas a elas. Os professores também devem ser capacitados para viajar e fazer negócios com instituições internacionais para equipar as suas instituições educacionais com todas as ferramentas necessárias, conforme determinado pelos próprios professores, de uma forma que beneficie os alunos sob a sua responsabilidade direta.

Os professores devem ser incluídos nas delegações oficiais da república, com o direito de aceitar ou recusar convites — embora tenha a certeza de que a maioria dos professores (pelo menos os meus colegas) os recusará. Além disso, todas as salas VIP devem estar à sua disposição, desde as salas dos aeroportos onde podem receber convidados professores estrangeiros, até várias acomodações em todas as cidades, para fornecer serviços especiais para estes ilustres convidados.

... E Allah sabe o que é melhor para nós.